

## **O FASCÍNIO COMO GÊNESE DO LÍDER: ESBOÇO PARA UMA VISÃO EPISTEMOLÓGICA D'O CAVALEIRO DA ESPERANÇA, DE JORGE AMADO.**

Herisson Cardoso Fernandes

### **Resumo**

Em *O Cavaleiro da Esperança* (1942), o escritor baiano Jorge Amado (1912-2001) apresenta um romance-biografia de Luís Carlos Prestes (1898-1924), líder revolucionário brasileiro que entra em contato com o marxismo durante uma estada na Bolívia e, após morar e conviver com comunistas na então União Soviética, filia-se ao Partido Comunista Brasileiro, vindo a tornar-se seu secretário-geral. O livro de Amado louva a vida e a trajetória política de Prestes e, escrito com o apoio do Partido, é um apelo literário à sua libertação. Mas, além disso, é também uma apresentação de um Prestes mitológico, que se ergue como uma figura quase divina, destinado a guiar o povo brasileiro em direção a uma sociedade mais justa. A partir deste mote, este artigo tem por objetivo pensar e analisar, seguindo uma concepção epistemológica e estética, o ato da criação e as possibilidades de surgimento da figura do líder; o guia e salvador das massas.

**Palavras-chave:** Jorge Amado, Luís Carlos Prestes, Marxismo, Comunismo

### **Abstract**

In *O Cavaleiro da esperança* (1942), the Bahia writer Jorge Amado (1912-2001) presents a novel- biography of Luis Carlos Prestes (1898-1924), Brazilian revolutionary leader who comes into contact with Marxism during his stay in Bolivia and, after having lived and coexisted with Soviet Union communists, he affiliated to the Brazilian Communist Party, coming to be its general secretary. Amado's book praises life and political career of Prestes and, made his writing with the support of the Party. It is a literary appeal for his release. Beyond that, it is also a presentation of a mythological Prestes, who stands as a godlike figure, designed to lead the Brazilian people towards a just society. From this mote, this article aims to think and to analyze, according to an epistemological and aesthetic concept, the act of creation and the born possibilities of the leader figure, the guide and savior of masses.

**Keywords:** Jorge Amado. Luis Carlos Prestes. Marxism. Communism.

<sup>1</sup> AMADO, Jorge. 2002. p. 168.

<sup>2</sup> BARROSO, Wilton. 2003. p. 6

“Sim, amiga, ainda possuía algo, possuía a sua vida que podia dar pela liberdade.”<sup>1</sup>.

Com estas palavras o escritor baiano Jorge Amado descreve a atitude de um sertanejo chamado Joel perante a passagem da Coluna Prestes por seu rancho, no interior do Piauí. Joel primeiro oferece uma cuia de farinha ao general Prestes; tudo o que tinha para comer. Em seguida, por acreditar que era pouco - segundo Amado - o homem entrega também um burro, sua única posse. Não satisfeito, oferece a si mesmo à Coluna, na qualidade de combatente.

Nesse trecho encontramos um homem disposto a entregar tudo o que possui, inclusive a própria vida, a um estranho com quem acaba de se encontrar. Mas por quê? O que faz com que um homem esteja disposto a confiar seu destino a outro, a se deixar guiar por ele? Partindo destas primeiras indagações iniciamos nossa proposta de tecer um comentário a respeito da constituição da obra *O cavaleiro da esperança*, de Jorge Amado.

Encontrar o mote primordial de uma obra para, a partir disso, analisá-la, faz parte da proposta de Wilton Barroso, sugerida em seu texto *Elementos para uma epistemologia do romance*:

[...] tendo como objetivo declarado, comum à dimensão filosófica e histórica, esclarecer o processo interno de elaboração da teoria que prescreve a existência de um romance ou de uma obra literária. Fazendo com que progressivamente, com o auxílio de aspectos sociológicos, antropológicos e culturais, fiquem esclarecidos e entendidos os procedimentos formais contidos na gênese da criação literária, seja do ponto de vista das condições genéticas, seja do ponto de vista da história da sua constituição.<sup>2</sup>

Assim, um dos elementos que encontramos como sendo passível de ser considerado como pedra angular da obra é a criação e apresentação da figura do líder. Aquele indivíduo destinado a guiar a massa, mas que para isso precisa antes conquistá-la. Ao pensar a narrativa de Amado sobre Prestes, buscaremos formas de explicitar a gênese desse líder, e uma das possibilidades para essa gênese é o poder da fascinação. Fascinação de algo sobre alguém, de um objeto sobre um sujeito.

A fascinação não seria possível sem a imagem que se tem do objeto. O objeto que se apresenta a nós, e que se permite ser visto, nos traz a imagem, que é, segundo Blanchot “o que nos é dado por um contato a distância<sup>3</sup>”. Ainda segundo o francês, o ato de ver supõe a separação, porque aquele que vê não está em contato com o que é visto<sup>4</sup>. Porém pode acontecer de, ainda que de longe, aquilo que vemos nos tocar de maneira a estabelecer esse “contato”. Uma visão que atrai, imagem que apaixona. Blanchot chama a paixão da imagem de fascínio.

Jorge Amado, em sua biografia romanceada de Prestes, nos apresenta uma visão poética do revolucionário gaúcho. Visão, logo, ato de ver, que nos remete à imagem. Assim, o escritor torna-se intermediador de nosso encontro não necessariamente com um Prestes dentro dos limites impostos pela história, mas com uma imagem que surge à nossa leitura a partir dos olhos do autor. É a imagem da imagem; o Prestes com quem nos deparamos é a visão de Amado sobre ele. O distanciamento do objeto, para o leitor, é dobrado. O fascínio potencializado.

O encantamento que a obra pretende causar naquele que a lê não parece ser possível se não houvesse, antes, o fascínio do próprio autor por aquele que busca descrever, afinal, a admiração que Amado nutria por Prestes era sincera e declarada. Nas palavras do baiano: “Discordar de Prestes, combatê-lo, é direito de todos os seus adversários políticos. O que ninguém pode fazer, honradamente, é negar a grandeza à sua presença em mais de meio século de vida nacional”<sup>5</sup>. Em nota introdutória à 37ª edição d’O Cavaleiro, confessa: “Esta biografia vale assim também como o pagamento de uma dívida de toda uma geração de escritores para com um líder do

povo. Muito devemos a Luís Carlos Prestes, com esta louvação quero lhe pagar uma parcela dessa dívida”<sup>6</sup>. A partir de tais constatações somos levados a acreditar que para analisar a obra seria interessante pensar em como ocorre a paixão de Jorge Amado pela imagem de Prestes e, só então, como o escritor busca transmitir essa fascinação ao seu leitor.

Pensar o deslumbramento em um autor, além de nos fornecer elementos para tecer a genética de um determinado texto, é também interessante na medida em que nos demonstra como grandes intelectuais são tão suscetíveis à armadilha da imagem quanto nós, meros mortais. A representação de uma imagem (no caso a imagem do Comunismo), causadora de um “contato à distância” responsável pelo arrebatamento de nossos sentidos, pode ser evidenciada em um trecho de *O mundo da paz*, de 1951, em que Jorge Amado relata experiências de viagens através de várias regiões da antiga União Soviética. Em determinado momento do texto diz o baiano a respeito de Stalin: “Mestre, guia e pai, o maior cientista do mundo de hoje, o maior estadista, o maior general, aquilo que de melhor a humanidade produziu”<sup>7</sup>.

---

<sup>3</sup> BLANCHOT, Maurice. 2011. p. 24.

<sup>4</sup> Idem, p. 24.

2 AMADO, 1979, apud ABREU, 2012, p. 119.

Anos depois, durante os momentos finais do socialismo, Amado declararia em entrevista, arrasado pelos fatos, a respeito do mesmo Stalin: “Eu me desorientei - e muito - antes, quando descobri que Stalin não era o pai dos povos, ao contrário do que sempre pensei.”<sup>8</sup> Mais adiante, na mesma entrevista: “meu último ídolo chama-se Stalin. Já não tenho ídolos - há tempos.”<sup>9</sup>

O fato de o escritor reconhecer que havia construído para si uma noção equivocada de quem, de fato, era a pessoa de Stalin, nos demonstra uma faceta da capacidade ilusória da imagem, bem como nos dá ideia de como possuímos

uma propensão a nos entregarmos a uma imagem distinta do objeto real. Esta cisão entre a realidade e a imagem objeto da fascinação é destacada por Blanchot:

Quem quer que esteja fascinado, pode-se dizer dele que não enxerga nenhum objeto real, nenhuma figura real, pois o que vê não pertence ao mundo da realidade, mas ao mundo indeterminado da fascinação.<sup>10</sup>

Na busca das raízes do encantamento de Amado acreditamos poder, então, fomentar o pensamento de que o objeto da fascinação do escritor, a princípio, era o próprio comunismo e os espaços em que se manifestava, como fica explicitado na seguinte passagem d'O Cavaleiro:

Esse é o país da URSS, amiga, pátria dos trabalhadores do mundo, pátria da ciência, da arte, da cultura, da beleza e da liberdade. Pátria da justiça humana, sonho dos poetas que os operários e os camponeses fizeram realidade magnífica.<sup>11</sup>

Ora, se o comunismo, ele próprio, atraía para si os louvores do baiano, é justo esperar que o mesmo aconteça com seus ideólogos e líderes:

Um dia, amiga, um homem veio e disse que o destino não era escrito no céu. Que essas leis que regem a vida são leis das mais terrenas, construídas pelos homens interessados nelas. Esse homem se chamava Karl Marx, lia Balzac, estudava a vida. E veio outro homem, nascido na noite da Rússia, e disse que se essas leis eram feitas por uma minoria contra uma maioria, no dia que esta quisesse poderia escrever as suas próprias leis, o seu próprio destino e então terminaria a noite, a madrugada irromperia sobre o mundo. Esse homem se chamava Vladimir Ilyich Ul'yanov, porém foi o seu nome de guerra, que era Lenine, o que correu a Rússia de lado a lado, como um vento de esperança, igual, amiga, ao vento de esperança que se chama Prestes sob os céus do Brasil.<sup>12</sup>

---

<sup>6</sup> AMADO, Jorge. Idem. p. xxvi.

<sup>7</sup> AMADO, Jorge. 1951.

<sup>8</sup> AMADO, Jorge. 1990.

<sup>9</sup> Idem.

BLANCHOT, Maurice. Idem, p. 24.

E aqui nos encontramos com Luís Carlos Prestes<sup>13</sup>. Primeiramente, é

importante assinalar que a obra (O cavaleiro da esperança) foi escrita com um intuito bem delimitado, a defesa do líder comunista, preso desde 1936. Conforme documentação recentemente estudada pelo Núcleo Literatura e Memória da UFSC, é possível provar que o texto foi escrito sob incumbência do próprio Partido Comunista. Assim, os fins ideológicos e a importância política do livro ficam devidamente assinalados e, não bastasse, diz o autor em seu prefácio para a primeira edição brasileira d'O cavaleiro: “na luta pela anistia, pela democracia e contra o Estado Novo, mas principalmente contra o fascismo, este livro foi uma arma”.<sup>14</sup>

Ao assegurar que o livro foi encomendado, não há problema em afirmar que há um objetivo além do artístico a ser atingido, e é parte de nossa proposta demonstrar que esse objetivo é transferir o fascínio sentido pelo escritor para o leitor e, com a arte por intermédio, gerar naquele que o lê o sentimento e a certeza de que Prestes é um herói que carrega em si todas as virtudes necessárias para se tornar um líder para o povo, para toda a pátria.

Estetizar a vida de uma pessoa, tornar uma existência poética é, sem dúvidas, uma das formas mais convincentes de atrair e criar a admiração por alguém. O pesquisador Wagner Coriolano chama atenção para o fato de a biografia escrita por Jorge Amado seguir um modelo que revela elementos de ficcionalidade<sup>15</sup>. Em seguida cita Maria Helena Santana, ao afirmar que esses elementos ficcionais “permitem uma grande liberdade interpretativa, e mesmo criativa”<sup>16</sup>. Amado toma dessa liberdade, aliada ao seu exímio senso estético, para desde as primeiras páginas deixar clara sua motivação em construir uma figura gloriosa de Prestes:

Nessas terras do sul, amiga, nasceu o Herói, aquele que, partindo do meio dos homens escravizados do campo, dos homens explorados da cidade, haveria de animar e levantar, dignificar, dar consciência e libertar a raça brasileira. Nessas terras do sul, amiga, do sangue do negrinho do pastoreio, do sangue dos homens vivendo como animais do pampa, do sangue dos revolucionários do passado, do sangue de Anita Garibaldi, do sangue dos homens sacrificados na cidade, nasceu Luís Carlos Prestes.<sup>17</sup>

<sup>11</sup> AMADO, Jorge. Ibid. p. 203.

<sup>12</sup> AMADO, Jorge. Ibid. p. 204.

<sup>13</sup> Não pretendemos realizar qualquer tipo de comparação entre as figuras de Stálin e Prestes, bem como praticar qualquer julgamento de valor político ou histórico a respeito de ambos. O objetivo de nosso estudo é tão somente pensar o impacto destas pessoas na vida e na obra de Amado. <sup>14</sup> AMADO, Jorge. Ibid. p. xi.

<sup>15</sup> ABREU. 2012. p. 120.

<sup>16</sup> SANTANA, 2006, p. 140, apud ABREU, 2012, p. 120.

<sup>17</sup> AMADO, Jorge. Ibid. p. 5.

Neste ponto convém recordamo-nos do poeta revolucionário Maiakovski e sua crença de que a arte serviria como veículo de propaganda - assim como o contrário -, e uma propaganda que fosse “poesia da mais alta qualificação”.<sup>18</sup> No caso de Jorge Amado há a mostra da plena realização da fusão entre poética e propaganda política, afinal seria muito diferente o resultado d’O Cavaleiro se meramente panfletário, alheio às possibilidades de estilo que foram alcançadas pelo escritor.

Gerar a imagem quase divina de Prestes não seria possível em uma biografia lacônica, puramente histórica, desprovida de sensibilidade, desprovida de arte, afinal é a arte, e não a história, que possibilita passagens como esta:

Te contarei a história do Heroi, amiga, e então não terás jamais em teu coração um único momento de desânimo. Como naquelas noites em que o seu nome, balbuciado por vezes a medo, afastava a amargura e o terror, agora eu falarei dele para que tu e o povo do cais que me ouve saibam que podem confiar e que a noite não é eterna. Eterno no mundo, amiga, só o povo e a memória dos seus Herois e dos seus Poetas. É curto o tempo dos tiranos, é curta a noite da escravidão; E tão bela é a manhã da liberdade que vale a pena morrer por ela, dar a vida pela certeza de que ela vem, que chegará para os homens. Mas, ah!, amiga, morrer é fácil, seja por uma mulher, seja pela liberdade! Difícil é viver uma vida de sofrimento e de luta, sem desanimar e sem desistir, sem se vender, sem se curvar. Mais que a morte, a liberdade pede a vida de cada um, todos os seus momentos, todas as suas forças.

Em termos de recepção, a força artística e poética da obra foi reconhecida, em primeira mão, por Selma Zamora, pessoa de importante poder de decisão na Editora Claridad, que publicou a primeira edição de *La vida de Luis Carlos Prestes* na Argentina:

Cuando me entregaron las pruebas de su libro para corregir, las recibí con curiosidad, pues poco y nada sabía de Luiz Carlos Prestes, pero al mismo tiempo con el temor de que fuese una pesada biografía política.

Poco a poco me fue encariñando com el personaje y com el libro mismo, hasta llegar a lamentar que tan pronto tuviese La palabra “fin” [...] <sup>19</sup>

Este tom poético da narrativa sobre Prestes chega a ser extremado ao ponto de o personagem assumir contornos míticos, quase de idolatria religiosa. Mesmo ateu, Jorge Amado, diferentemente de grande parte dos militantes comunistas, reconhecia o poder e a importância da religião - destacadamente a religiosidade afro-brasileira -, assim como sua capacidade de tocar as multidões. Como recurso temático, trabalhar a religiosidade popular torna-se, não só uma aproximação com seu povo, mas também um compromisso ético, pois no escritor a manifestação da religiosidade assegura sua preocupação com a existência e a resistência da cultura negra baiana.

---

<sup>18</sup> MAIAKÓVSKI, apud CAMPOS, 2006, p. 123.

<sup>19</sup> De acordo com documentação pessoal do autor, analisada pela UFSC.

Com esta afiada consciência do poder e do alcance da religiosidade, Amado lança mão da utilização de elementos que aproximam sua narrativa a um tom de contos mitológicos, e a anunciação da vinda de Prestes se realiza de forma profética:

[...] todo o povo do Brasil, escravo e desgraçado, o povo negro, o povo índio escondido no fundo da floresta, o povo branco, o povo mulato que é o povo mais lindo do mundo, povo de mãos e pés atados, com sede, com fome, sem livros e sem amor, fez o milagre de heroísmo que é Luís Carlos Prestes, P no peito dos negros, no coração dos soldados da Coluna, luz no coração dos homens, operários, marítimos, camponeses, poetas, sambistas, tenentes e capitães, romancistas e sábios. Luz no coração dos homens, das mulheres também, estrela da esperança. Um povo escravo precisando do seu Heroi. Fez o milagre do maior dos herois. <sup>20</sup>

Interessante lembrar que a *palavra profética* também faz parte do interesse de Blanchot, e para o francês “o profeta não é apenas aquele adivinho que anuncia o futuro, o porvir, é sim uma voz cuja dimensão discursiva compromete o próprio presente, põe mais em jogo a ausência do presente do que a presença do futuro”. <sup>21</sup> O futuro aparece como consequência de um presente que materializa os acontecimentos necessários para a realização desse futuro profetizado. É o presente o

foco da profecia, e são as condições de vida no Brasil da época, “os anos de terror e de desgraça”<sup>22</sup> que clamam pela realização do prenúncio que é o milagre do líder.

Vou te contar, amiga, a história dessa luz, dessa estrela, dessa esperança. Muitas vezes me perguntaste se era Pedro Ivo, se era Tiradentes, se era o negro Zumbi dos Palmares, algum dos heróis cantados pelo poeta Castro Alves. Na noite do cais da Bahia, um negro sorria, ele tinha um P tatuado no peito, ele sabia da verdade. *Seria um milagre?*, me perguntaste. *É um milagre*, eu te respondi.<sup>23</sup>

E na narração do momento do nascimento de Prestes, Amado preocupa-se em demonstrar como o Herói do povo vem ao mundo acompanhado das glórias dos “deuses” do povo, técnica que demonstra a proposta de causar simpatia pelo líder revolucionário entre as camadas populares:

---

<sup>20</sup> AMADO. Ibid. p. xx.

<sup>21</sup> BLANCHOT, apud GOMES, 2011, p.1.

<sup>22</sup> AMADO, Jorge. Ibid. p. xxi.

<sup>23</sup> AMADO, Jorge. Ibid. p. xx. (grifos do autor)

Assim aquela empregada dos Prestes, que na manhã de 3 de janeiro de 1898, corria as casas da rua do Riachuelo anunciando que nascera aquele que havia de ser uma estrela. Era o que ela descobriria nos olhos vivos do infante. O brilho de uma estrela, tão forte que a assustou, uma luz ardente. Lembrou dos seus deuses e viu Oxóssi, o deus da caça das matas, o que atravessava as florestas da África. Mas viu também Xangô, o deus do raio e do trovão, o deus vitorioso das batalhas. E viu mais, viu o brilho daquele que se fizera deus no Brasil, aquele que da África viera homem e aqui, num sonho de escravo, se fez o deus da liberdade. Viu Zumbi, o deus mais novo dos negros, o que levantou os escravos, fugiu para a selva dos Palmares e fez uma república de homens livres. Viu uma luz nos olhos do infante, Oxóssi rompendo as selvas, Xangô lançando os raios na batalha, vencendo as guerras, Zumbi forjando a liberdade. Nunca jamais vira um menino assim. Na macumba, naquela noite, dançaria em honra dele e em honra dele cantaria aquele canto de vitória.<sup>24</sup>

Longe de objetivar algum tipo de conclusão, nosso texto sugere questionamentos e apontamentos para um estudo muito mais vasto e aprofundado desta obra ainda um tanto obscura de Jorge Amado. As questões levantadas ao pensar a gênese do texto e da figura do líder a partir do fascínio do artista com sua ideologia política, sua forma de tentar transmitir essa fascinação ao leitor por meio de sua arte e, mais longe, de uma exposição quase mítico-religiosa de uma narrativa puramente humana e material, nos mostram a necessidade de realizar uma pesquisa mais apurada do contexto e das condições em que a obra foi escrita, entender suas motivações e objetivos mais profundos, bem como compreender e desvendar os artifícios estéticos que o autor utilizou ao tentar exteriorizar seu próprio fascínio.

<sup>24</sup> AMADO, Jorge. Ibid. p. 24

## REFERÊNCIAS

ABREU, Wagner Coriolano de. *Questões de escrita biográfica em O Cavaleiro da Esperança, de Jorge Amado*. Revista Izquierdas. ed. 14, pp. 119-125, dezembro de 2012. ISSN 0718-5049. Disponível na internet: < [www.izquierdas.cl](http://www.izquierdas.cl) >

AMADO, Jorge. *O mundo da paz*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1951.

\_\_\_\_\_. *Vida de Luís Carlos Prestes: o cavaleiro da esperança*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. *As confissões do ex-comunista Jorge Amado: diante da TV, ele assiste, espantado, ao fim do socialismo*. Disponível em < <http://g1.globo.com/platb/geneton/2012/08/10/as-confissoes-do-ex-comunista-jorge-amado-diante-da-tv-ele-assiste-espantado-ao-fim-do-socialismo-de-resto-declara-meu-ultimo-idolo-e-stalin-escrevo-muito-mal-sou-uma-negacao-como/> >. Entrevista a Geneton Moraes, gravada em 1990.

BARROSO, Wilton. *Elementos para uma Epistemologia do Romance*. In Colóquio: Filosofia e literatura, 2003, São Leopoldo. Unisinos

BLANCHOT, Maurice. “A fala profética” in *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés, São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.p. 113-124.

\_\_\_\_\_. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. *Teoria da poesia concreta: Textos críticos e manifestos 1950-1960*. 1ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

GOMES, Daniel de Oliveira. *Blanchot tal como imagina Foucault; a escritura profética*. Disponível na internet: <  
<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0256-1.pdf>>

RAMOS, Tânia Regina Oliveira Ramos. *Fragmentos para uma história ainda não escrita: Jorge Amado e o Partido Comunista no exílio 1941-1942*. Revista Navegações, v. 5, pp. 156-161, julho/dezembro de 2012. ISSN 1982-8527. Disponível na internet: <  
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes>>